



Conhecimento e expectativas de professores de surdos em relação à atuação do fonoaudiólogo na escola

Knowledge and expectations of teachers for the deaf in relation to speech therapists' performance in schools

Verônica de Melo VIEGAS¹ | Wagner Teobaldo Lopes de ANDRADE²

Resumo: O fonoaudiólogo educacional que trabalha com a educação especial deve focar seu trabalho visando favorecer as potencialidades do aluno com necessidade educacional específica, dando suporte aos professores, alunos, coordenação e aos pais dos alunos. No trabalho com o surdo na escola especial, percebe-se que, muitas vezes, não há uma clareza em relação à atuação do fonoaudiólogo e do professor. Desta forma, este estudo tem como objetivo investigar o conhecimento e as expectativas dos professores que trabalham com surdos acerca da atuação do fonoaudiólogo educacional em escolas especiais. Foi aplicado um questionário direcionado, contendo nove perguntas, a 14 professores de três escolas da Região Metropolitana do Recife. Foi realizada análise quantitativa dos dados. Todos os professores que participaram da pesquisa afirmaram nunca terem trabalhado com um fonoaudiólogo e, de forma geral, apresentam pouco conhecimento do trabalho desenvolvido pelo fonoaudiólogo, dentro da escola, junto aos alunos surdos. Percebe-se, desta forma, a necessidade de maior divulgação do trabalho desenvolvido pelo fonoaudiólogo educacional e a necessidade de inserção do profissional dentro do âmbito escolar.

Palavras-chave: Surdez. Fonoaudiologia. Educação Especial. Professor.

Abstract: Educational speech therapists who work with special (inclusive) education should focus their work upon promoting the potential of students with special educational needs, supporting and developing work with teachers, students, coordinators and the students' parents. At working with the deaf in special education, often there is no clarity regarding the role of the teacher and a speech therapist. Thus, this study aims to investigate the knowledge and expectations of teachers working with deaf people in relation to the performance of educational speech therapists in special education schools. It was applied a questionnaire containing nine questions directed to 15 teachers from three schools in the metropolitan area of Recife. It was applied a quantitative data analysis. All teachers who participated in the survey said they had never worked with a speech therapist and, in general, they have little knowledge of the work done by the speech therapists within schools environment with deaf students. It is understood, therefore, the need for greater dissemination of the work of speech therapists in educational and the needs of professional insertion within the school context.

Keywords: Deafness. Speech therapy. Special Education. Teacher.

1 Fonoaudióloga e especialista em Fonoaudiologia Educacional pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional (IDE Cursos).

2 Fonoaudiólogo, doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Professor Adjunto I do Departamento de Fonoaudiologia da UFPB.

Introdução

Sob a concepção audiológica, segundo Danesi e Pinto (2007), a surdez é puramente uma patologia que determina sempre uma alteração negativa no seu portador, independente da causa, do tipo ou grau. Sob o ponto de vista sócio-antropológico, a surdez é definida como uma cultura diferente, mas não uma deficiência. O surdo é mais que um indivíduo que não pode ouvir. Os surdos formam uma comunidade com identidade única, própria, singular, nos seus modos próprios de socialização.

São muitos os problemas pelos quais o surdo passa no ambiente escolar. Problemas que vão desde o preconceito até a falta de conhecimento dos profissionais que lidam com eles dentro da escola, dificultando o seu processo de aprendizagem. O fonoaudiólogo pode favorecer essa convivência com o aluno surdo dentro da escola e dar orientações à equipe escolar, a fim de favorecer o desenvolvimento desse aluno.

Não se pode deixar de observar várias práticas fonoaudiológicas e ações de caráter patologizador-curativo, tornando a escola um local de identificação de problemas. Em razão dessa compreensão ou falta dela, o sujeito tem sido interpretado por alguém que não participa de sua constituição, ou seja, não é visto na sua singularidade.

Porém, nos últimos anos, esse tipo de atuação fonoaudiológica em escolas vem se mostrando de forma diferenciada. O professor atua na promoção da aprendizagem dos seus alunos e o fonoaudiólogo como profissional atuante no plano de ação da escola (GIROTO; OMOTE, 2007). Então, cada profissional posiciona-se no seu lugar de direito e pode proporcionar respeito mútuo e bem-estar entre si e entre os demais profissionais da educação, buscando o sucesso do aluno.

Quando se considera a educação especial, os professores contam com um meio a mais que favorece o seu trabalho. O programa é chamado de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que ocorre no contraturno, em salas de recursos, ambientes adaptados para auxiliar indivíduos com uma ou mais de uma deficiência (MONROE, 2010). Ainda segundo Monroe (2010), o foco do trabalho é pedagógico e desenvolvido por um professor especialista, de acordo com a necessidade de cada aluno. No caso do aluno surdo, será trabalhada a língua de sinais (Libras), para que o aluno possa se beneficiar do intérprete em sala de aula.

Deve-se salientar a importância de que exista realmente uma parceria entre professor e fonoaudiólogo, para que se possa desenvolver um trabalho de qualidade que favorecerá diretamente os alunos. Para isso, os profissionais precisam caminhar em busca de um mesmo objetivo, buscando uma educação de qualidade, mesmo diante da diversidade.

Conforme o Código de Ética da Fonoaudiologia (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2004), é competência do fonoaudiólogo participar da Equipe de Orientação e Planejamento Escolar, inserindo aspectos preventivos ligados a assuntos fonoaudiológicos.

Entre as atribuições do fonoaudiólogo no âmbito escolar, pode-se incluir a seleção do material didático, especialmente em casos de sujeitos com necessidades educacionais específicas. Segundo Mori-de Angelis (2005), o fonoaudiólogo deverá estar ciente

que, diante das limitações detectadas num determinado material didático, ele poderá sugerir outros materiais, bem como outras estratégias para suprir as deficiências encontradas. Além disso, ao auxiliar os professores a avaliar continuamente o uso do material didático, o fonoaudiólogo reunirá informações fundamentais que poderão ser consideradas quando a escola tiver de escolher novamente os livros a serem adotados.

Infelizmente, a atuação fonoaudiológica (não clínica) no âmbito escolar não é de conhecimento de muitos educadores, instituições educacionais e até mesmo do próprio fonoaudiólogo, que não conhece o verdadeiro papel que deve e pode desenvolver dentro da escola e sequer tem conhecimento sobre os benefícios que produz no cotidiano escolar.

Portanto, percebe-se a necessidade de trabalhos que apresentem os objetivos e procedimentos fonoaudiológicos na escola e como esta prática pode ser desenvolvida. Isto certamente favorecerá a atuação dos educadores que trabalham com crianças surdas, bem como suas famílias e toda a instituição, através de uma parceria em que todos os envolvidos (alunos, famílias, educadores e fonoaudiólogos) estarão em busca do mesmo objetivo, que é o sucesso do aluno surdo dentro do âmbito escolar.

Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi investigar o conhecimento e as expectativas dos professores de alunos surdos sobre o trabalho do fonoaudiólogo educacional com estes sujeitos. Secundariamente, objetivou-se identificar, segundo a concepção dos professores de surdos, a diferença entre a sua atuação e a do fonoaudiólogo educacional e identificar as principais necessidades do professor de surdos em relação ao apoio de um fonoaudiólogo educacional.

Materiais e métodos

O estudo foi desenvolvido em três escolas especiais da rede pública de ensino, localizadas na Região Metropolitana do Recife. Fizeram parte do estudo, 14 professores, de ambos os sexos, de 19 a 50 anos de idade, da rede pública de ensino, que trabalham com crianças surdas nas escolas participantes.

A pesquisa apresentou delineamento observacional, descritivo e transversal e a coleta dos dados foi realizada nos meses de junho e julho de 2010, após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Hospital Agamenon Magalhães, sob o número 134/2010.

Inicialmente, a pesquisadora se dirigiu às instituições de ensino para um primeiro contato com a direção das escolas e com os professores, para solicitação de autorização da pesquisa. Os professores que aceitaram participar da pesquisa responderam um questionário composto por nove perguntas e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que os informava sobre todos os procedimentos de coleta dos dados e o tipo de participação na pesquisa.

Os resultados obtidos foram digitados, analisados e posteriormente expostos em tabelas. Os resultados das perguntas semi-estruturadas foram analisados de forma quantitativa e fragmentos de respostas dos sujeitos foram expostos para fim de análise qualitativa.

Todos os sujeitos foram informados que, em hipótese alguma, os seus dados pessoais seriam expostos em público, e a sua identidade não seria, sob qualquer justificativa, revelada. Todos os participantes tomaram conhecimento sobre os riscos e benefícios de uma pesquisa dessa natureza e sobre o fato de poder se retirar a qualquer momento do estudo, sem que sofram qualquer penalidade e sem que precisem justificar a sua decisão aos pesquisadores.

Resultados e discussões

A maior parte dos professores das escolas participantes da pesquisa utiliza a Libras para se comunicar com seus alunos (57,14% - oito professores) e seis (42,86%) utilizam apenas a língua oral (Tab. 1). Alguns professores que não dominam a Libras referiram ter a ajuda de um intérprete em sala de aula.

Os professores que utilizam a Libras dizem que, pelo fato de serem surdos, os alunos precisam desta língua associada à língua oral, utilização de desenhos, figuras e filmes para favorecer o aprendizado.

Tabela 1 – Distribuição dos professores participantes em relação ao domínio da língua de sinais (Recife, 2010).

Domínio da LIBRAS	N	%
Sim	08	57,14
Não	06	42,86
Total	14	100

De acordo com Quadros (2004), o intérprete educacional é a pessoa que atua como “ponte comunicativa” entre o surdo e o ouvinte. É a área de interpretação mais requisitada atualmente, mesmo em outros países. O interprete torna-se, não só para o professor de surdo, mas principalmente para o aluno, uma ferramenta fundamental que irá facilitar no desenvolvimento do seu aprendizado.

Todos os professores participantes afirmaram nunca ter trabalhado com um fonoaudiólogo em instituições educacionais. Há algum tempo, se percebia a falta de identidade entre o fonoaudiólogo e o sistema educacional, hoje se percebe que esse profissional, juntamente com o professor e outros especialistas, ajudará o aluno a desenvolver, de forma harmônica, suas potencialidades, suprir deficiências e construir seu próprio conhecimento. Segundo Costa (1999), o trabalho do fonoaudiólogo associado ao da professora é fundamental para o desenvolvimento geral da criança.

Segundo Dantas (2011), a inserção do fonoaudiólogo e seu papel na Fonoaudiologia Educacional devem ser trabalhados em conjunto com a equipe pedagógica. Porém, nas escolas, principalmente da rede particular, a inserção deste profissional ainda caminha muito vagarosamente. Ainda de acordo com Dantas (2011), o principal problema é que o fonoaudiólogo educacional ainda é visto como fonoaudiólogo clínico, ou seja, é chamado para solucionar problemas e não para fazer um diagnóstico e melhorar o processo de aprendizagem.

A seguir, alguns fragmentos do discurso dos participantes revelam a restrição do conhecimento do professor em relação à atuação fonoaudiológica educacional, focando apenas a intervenção no sentido de oralizar o surdo:

Como os alunos surdos possuem uma linguagem própria, gestual/visual, vejo como dificuldade a possibilidade de atuação desses profissionais [*os fonoaudiólogos*] no acompanhamento dos mesmos (participante com quatro meses de prática com surdos);

O fonoaudiólogo deve atuar em espaço diferente da escola (o participante não declarou o tempo de prática com surdos, no entanto, revelou ter 23 anos de profissão);

Depende do desejo do surdo, se ele quiser ser oralizado, concordo com a atuação do Fonoaudiólogo, agora, se o surdo preferir continuar com a libras, o Fonoaudiólogo não terá muita funcionalidade nessa escola (professor com nove anos de prática com surdos);

[*Falando sobre a atribuição do fonoaudiólogo*] Ensinar o surdo a falar, aliás, algo muito difícil de conseguir, caso o surdo seja adulto, ou seja, consciente de sua surdez. Já que são os pais que o leva ao fonoaudiólogo querendo que o filho aprenda a “falar”, desde pequeno, ou seja, não sabem se esta é a vontade do surdo (professor com dez anos de prática com surdos);

Desconheço o trabalho com os surdos, mas acredito que o fonoaudiólogo pode orientar os alunos com resquício de audição (professor com quatro anos de prática com surdos);

[*Falando sobre a atribuição do fonoaudiólogo*] Ajudar a desenvolver a leitura labial, e também na estrutura do português oral (gramática) (professor com quatro anos de prática com surdos);

[*Falando sobre a atribuição do fonoaudiólogo*] Ajudar os alunos que ainda não perderam a possibilidade de ouvir (professor com 07 anos de prática com surdos).

Tabela 2 – Distribuição dos professores participantes em relação ao objetivo da atuação do fonoaudiólogo na escola especial com alunos surdos (Recife, 2010).

Objetivo da atuação do fonoaudiólogo na escola especial com alunos surdos	N	%
Desenvolvimento da linguagem oral	3	21,43
Desenvolvimento da linguagem escrita	1	7,14
Atuação em sala de atendimento especializado	1	7,14
Desenvolver a audição	2	14,21
Não há objetivo educacional	3	21,43
Não respondeu	4	28,57
TOTAL	14	100

A Fonoaudiologia originou-se, enquanto forma de intervenção social, com o objetivo de superar diferenças de linguagem de determinados grupos sociais, em nome da unidade e do progresso nacional (NASCIMENTO, 2002) e percebe-se que esta concepção de atuação fonoaudiológica clínica se perpetua até o momento entre os professores participantes da pesquisa.

O Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa, 1998), cumprindo a função de definir regras e limites do trabalho do fonoaudiólogo, estabeleceu no parecer nº 004/98, que “(...) a LIBRAS, deve ser apenas um veículo de comunicação entre o deficiente auditivo e o Fonoaudiólogo, não cabendo ao profissional ensinar ao deficiente auditivo a língua de sinais” (NASCIMENTO, 2002).

Segundo a Resolução 387 do CFFa, de 18 de setembro de 2010, o fonoaudiólogo deve atuar no âmbito educacional desenvolvendo ações que possibilitem a aprendizagem e o diagnóstico de possíveis alterações na aprendizagem (DANTAS, 2011). Portanto, o fonoaudiólogo educacional não vai estar na escola para oralizar o aluno surdo e sim para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

De forma geral, os professores acreditam que existe diferença entre a sua atuação e a do fonoaudiólogo na atuação com surdos (85,72%) (Tab. 3).

Tabela 3 – Distribuição dos professores participantes em relação à existência de diferença no trabalho do fonoaudiólogo e do professor na atuação com surdos (Recife, 2010).

Diferença no trabalho do fonoaudiólogo e do professor na atuação com surdos	N	%
Sim	12	85,72
Não	1	7,14
Não respondeu	1	7,14
Total	14	100

Fragments de respostas dos participantes mostram a opinião dos participantes acerca desta diferença:

O professor trabalha com a metodologia de ensino e o fonoaudiólogo favorece o desenvolvimento da comunicação oral (professor com 04 anos de prática com surdos);

O fonoaudiólogo trabalharia a oralidade, respiração, entre outros. É uma função diferente do professor. Sendo ambos de suma importância (o professor não declarou quanto tempo tinha de prática com surdos, nem de profissão);

O professor que trabalha com o surdo em LIBRAS, está contribuindo para a melhora de sua língua e valorizando sua cultura. E o fonoaudiólogo não pode melhorar a dicção do surdo, pois isso só ocorrerá se ele quiser ser oralizado (professor com nove anos de prática com surdos);

Evidente *[que tem diferença]*. O professor que tem domínio da libras e conhece seus alunos sabe comunicar-se na língua própria do surdo. Esta é a grande DIFERENÇA! Não conheço nenhum Fonoaudiólogo que saiba libras (professor com dez anos de prática com surdos).

Metade dos participantes acredita que o fonoaudiólogo possui objetivos educacionais relacionados à atuação junto ao surdo (Tab. 4).

Tabela 4 – Distribuição dos professores participantes em relação à existência de relação entre a atuação do fonoaudiólogo e os objetivos educacionais do surdo (Recife, 2010).

Relação entre a atuação do fonoaudiólogo e os objetivos educacionais do surdo	N	%
Sim	7	50
Não	3	21,43
Não respondeu	3	21,43
Não sabe	1	7,14
Total	14	100

Entre os que referiram que o fonoaudiólogo não possui objetivos educacionais e entre os participantes que apresentaram concepção errônea sobre o tema, destacam-se os seguintes fragmentos de resposta:

Considero a relação distante devido às características peculiares, não orais da linguagem dos surdos (professor com quatro meses de prática com surdos);

Penso que a atuação do fonoaudiólogo é no sentido de treinar o surdo para habilitá-lo para a fala (professor com quinze anos de prática com surdos);

Existe relação quando o objetivo do fonoaudiólogo é auxiliar o surdo a compreender a sua limitação auditiva, orientando-o à leitura labial, facilitando assim a aprendizagem (professor com dez anos de prática com surdos).

Ramos e Alves (2008) referem que, nas escolas especiais, o planejamento é elaborado de acordo com as dificuldades que as crianças apresentam. Os fonoaudiólogos devem fornecer assistência e suporte para os professores das classes especiais, proporcionando, por meio de orientações e de planejamento direcionados às dificuldades específicas de cada situação, melhores condições para que as crianças tenham possibilidades de acompanhar as atividades.

A maior parte dos professores (57,14%) acredita que o fonoaudiólogo pode auxiliar o professor no desenvolvimento das potencialidades do aluno surdo (Tab. 5).

Tabela 5 – Distribuição dos professores participantes em relação à possibilidade de o fonoaudiólogo auxiliar o professor no desenvolvimento de potencialidades educacionais pelo surdo (Recife, 2010).

Possibilidade de o fonoaudiólogo auxiliar o professor no desenvolvimento de potencialidades educacionais pelo surdo	N	%
Sim	8	57,14
Não	3	21,43
Não sabe	2	14,29
Não respondeu	1	7,14
Total	14	100

Dentre as respostas fornecidas pelos participantes em relação a esta questão, foram destacados os seguintes fragmentos, que revelam o desconhecimento de alguns professores sobre a potencialidade de contribuição para o desenvolvimento das potencialidades educacionais dos surdos:

Talvez nos que tenham significativo resíduo auditivo e/ou tiveram a perda auditiva após certa idade. Nos surdos de nascimento ou profundo não identifiquei avanços, no desenvolvimento (o professor não declarou quanto tempo tinha de prática com surdos, no entanto, tem 23 anos de profissão);

Acredita que o Fonoaudiólogo só deveria atuar com alunos ouvintes (professor com 04 meses de prática com surdos);

[Falando sobre a contribuição do fonoaudiólogo ao seu trabalho] No meu caso não. Trabalho com surdos adultos. No entanto, se o surdo for criança e o Fonoaudiólogo conheça libras e não queira forçar o surdo a falar, mas ajudá-lo a entender a leitura labial, sim. O surdo terá mais compreensão da escrita e leitura da língua portuguesa e compará-la a libras escrita” (professor com 10 anos de prática com surdos).

O trabalho realizado pelo professor que atua com o aluno surdo pressupõe particularidades, pois o aluno surdo precisa de um atendimento diferenciado com características particulares, com formação direcionada dos professores, cuidados

individualizados, revisões curriculares que não dependem unicamente do professor, mas de um processo muito mais abrangente de discussão e formação que envolve investimentos diversos (LACERDA, 2006). Segundo Guarinello e Lacerda (2007), a grande maioria de pais que levam seus filhos surdos para escola pela primeira vez se sente frustrada por achar que será uma realidade que o filho não alcançará.

De acordo com Ramos e Alves (2008), o fonoaudiólogo pode criar condições favoráveis e eficazes para que as capacidades de cada aluno possam ser exploradas ao máximo, não no sentido de eliminar problemas, mas sim baseado na crença de que determinadas situações e experiências podem facilitar e incrementar o desenvolvimento e a aprendizagem. Ele preocupa-se com sugestões de técnicas que auxiliem a preparar as crianças para a alfabetização e para as etapas posteriores a ela, em medidas de caráter profilático. O fonoaudiólogo atua junto com a escola a fim de ser fonte empreendedora na produção do conhecimento e facilitador de vivências em grupo com os alunos e professores, propiciando mediação entre o saber elaborado e o conhecimento a ser produzido.

Anteriormente, podia-se ver algumas práticas inadequadas na escola, baseadas no modelo clínico e bastante criticadas por vários profissionais (CAVALHEIRO, 1997). Apesar disso, infelizmente, muitos profissionais da educação ainda esperam esse tipo de atendimento do fonoaudiólogo dentro da escola. A escola se tornou um local em que o fonoaudiólogo pode atuar de forma eficaz, oferecendo apoio ao sistema de educação (particularmente no público), trabalhando junto com todo o corpo da instituição, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento das potencialidades dos alunos.

Segundo Lacerda (2006), apesar de os alunos surdos apresentarem capacidades cognitivas iniciais semelhantes aos alunos ouvintes, dados mostram que um número significativo de alunos surdos com vários anos de escolarização apresenta um desempenho muito abaixo dos alunos ouvintes.

De acordo com César e Calheta (2005), o fonoaudiólogo não deve estar dentro das escolas para evitar problemas, mas para desenvolver condições favoráveis e eficazes para que as capacidades de cada um possam ser exploradas ao máximo, não no sentido de eliminar problemas, mas sim acreditando que determinadas situações e experiências podem favorecer o desenvolvimento da aprendizagem. Pode-se pensar a atuação do fonoaudiólogo em termos de desenvolvimento de potencialidades, inclusive contribuindo para as condições de trabalho do próprio professor.

Fica explícito que, apesar de haver aceitação por parte de alguns professores da educação especial quanto ao trabalho do fonoaudiólogo, falta conhecimento quanto ao trabalho desenvolvido por este profissional dentro da escola. Os professores mostram no seu discurso que esperam um fonoaudiólogo que desenvolva um trabalho clínico nas instituições educacionais. Pela falta de conhecimento, alguns acreditam que o trabalho desenvolvido seria desnecessário para os alunos surdos e professores.

Considerações finais

A atuação fonoaudiológica educacional é, de forma geral, desconhecida pelos professores de escolas da educação especial. Todos os professores disseram que nunca trabalharam com um fonoaudiólogo e que não conhecem a sua atuação dentro do âmbito escolar.

O desenvolvimento da linguagem oral foi o principal objetivo da atuação do fonoaudiólogo na escola especial com alunos surdos, segundo a ótica dos professores. Além disso, os participantes mostraram saber que há diferença entre o trabalho do professor e do fonoaudiólogo e que a atuação do fonoaudiólogo apresenta relação com os objetivos educacionais do surdo.

Apesar de não ter trabalhado com um fonoaudiólogo e, muitas vezes não saber o que ele faz, mais da metade dos professores disse que o fonoaudiólogo pode ajudar no desenvolvimento de potencialidades pelo surdo.

É importante ressaltar, no entanto, que a concepção de atuação fonoaudiológica apresentada pelos professores ainda é uma concepção de intervenção puramente clínica, voltada para a oralização e aproveitamento de resíduos auditivos direcionados para a fala.

Os professores mostraram apresentar desconhecimento sobre a atuação educacional (não clínica) do fonoaudiólogo, em especial em relação à possibilidade de otimização das habilidades de leitura e escrita do surdo, algo tão desejado na educação de surdos nos últimos anos.

Referências

CAVALHEIRO, M.T.P. Trajetória e possibilidades de atuação do fonoaudiólogo na escola. *In*: LAGROTTA, M.G.M.; CESAR, C.P.H.A.R. **A fonoaudiologia nas instituições**. São Paulo: Lovise, 1997. p. 81-8.

CÉSAR, C.P.H.A.R.; CALHETA, P.P. **Assessoria e fonoaudiologia: perspectivas de ação**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. **Código de ética da fonoaudiologia**: Lei nº 6.965 de 9 de dezembro de 1981, Brasília, 2004.

COSTA, M.G. **Fonoaudiólogo e o professor de educação Infantil: uma relação viva**. 1999. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Linguagem) – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica. São Paulo, 1999.

DANESI, M.C.; PINTO, B.L. **Fonoaudiologia e linguagem: teoria e prática lado a lado**. Porto Alegre: Metodista, 2007.

DANTAS, I. A atuação do fonoaudiólogo educacional. **Comunicar**: Revista do sistema de Conselhos Federal e Regionais de Fonoaudiologia, a. 12, n. 49, abr/jul. 2011.

GIROTO, C.R.M.; OMOTE, S. O trabalho em grupo e a atuação fonoaudiológica com a linguagem escrita em escolas. *In: SANTANA, A.P. et al. **Abordagens grupais em fonoaudiologia**: contextos e aplicações.* São Paulo: Plexus, 2007, p. 80-104.

GUARINELLO, A.C.; LACERDA, C.B.F. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. *In: SANTANA, A.P. et al. **Abordagens grupais em fonoaudiologia**: contextos e aplicações.* São Paulo: Plexus, 2007, p. 105-20.

LACERDA, C.B.F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-84, maio/ago. 2006.

MONROE, C. Apoio para aprender. **Revista Nova Escola**, a. 25, n. 231, p. 76-79, abr. 2010.

MORI-DE ANGELIS, C.C. O que um fonoaudiólogo precisa saber sobre o livro didático de língua portuguesa: contribuição à prática da assessoria a escolas. *In: CÉSAR, C.P.H.A.R.; CALHETA, P.P. **Assessoria e fonoaudiologia**: perspectivas de ação.* Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p. 23-35.

NASCIMENTO, L.C.R. **Fonoaudiologia e surdez**: uma análise dos percursos discursivos da prática fonoaudiológica no Brasil. 2002. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

QUADROS, R.M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEESP, 2004.

RAMOS, A.S.; ALVES, L.M. A Fonoaudiologia na relação entre escolas regulares de ensino fundamental e escolas de educação especial no processo de inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 14, n. 2, p. 235-50, maio/ago. 2008.

Recebido em: 10/10/2014

Aprovado em: 20/10/2014

Para referenciar este texto:

VIEGAS, Verônica de Melo *et al.* Conhecimento e expectativas de professores de surdos em relação à atuação do fonoaudiólogo na escola. **Lumen**, v. 23, n. 1, p. 45-55, jan./jun.2014.